



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

Ano XII — N.º 318 — Preço 1\$00
5 DE MAIO DE 1956

DO U T R I N A

Vai para uns 15 anos que me quiseram nomear Assistente Religioso da Tutoria de Coimbra. Tempos depois e numa visita oficial do Senhor Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, fomos ao seu encontro. Duas palavras marcaram duas ideias opostas. Eu disse-lhe — «o meu serviço não rende». Ele responde — «a questão dos vencimentos dos assistentes religiosos está a ser estudada».

Sim. Os meus trabalhos não rendiam. Era assim então; é assim hoje. O Assistente Religioso nos Reformatórios e outras casas do género, é uma presença importante, devido à própria natureza da sua missão; ele é mandado pelo seu bispo. Vai em nome da Igreja. Está tudo dito. Mas não tem liberdade de acção. Não se pode entregar. Não faz seu nenhum dos rapazes. Eu mesmo fui de uma vez superiormente repreendido por ter dado um beijo e rebugados a um pequenino de 9 anos!

Sim. Aquele desabafo — «o meu serviço não rende» era um grito interior de liberdade. Queria fazer alguma coisa mais do que assinar o ponto. Desejava trabalhar em extensão e profundidade. Expliquei a minha ideia ao Senhor Doutor Eurico Serra; um Lar.

Acabo agora mesmo de ler o trabalho daquele senhor, no recente congresso dos Serviços de Menores e dado a lume nos jornais. Ocupa duas grandes colunas em tipo miudinho. Não se repete. Não enfada. São palavras cheias. Pois bem. Mais eloquente do que o discurso de hoje, foi a sua resposta de então. «SIM. UM LAR». Os olhos, a palavra, o entusiasmo, o semblante, — todo o seu seria naquele «SIM».

Começamos a trabalhar. O Ministro da Justiça daquele tempo era um Vaz Serra e não se deixou vencer pelo entusiasmo do seu Director Geral. Ambos fizeram do Lar do ex-Pupilo de Coimbra a sua Obra.

Esta última Reunião de estudos do problema é uma ânsia. Uma inquietação. São nomes a proclamar que assim não está certo.

O primeiro nome e a primeira palavra é do Senhor Ministro da Justiça. Deus o ajude. Oiço dizer que é um homem novo. Mais garantia para a situação dos Inocentes oprimidos. O Turismo manda agora deitar muros abaixo, para não impedir as vistas. Deitemos abaixo as paredes do Reformatório e outras casas assim. O mundo gosta de ver o seu semelhante.

Nós temos sido até à data tábuas de salvação para muitos rapazes que nos procuram, da-

Cont. pág. TRÊS

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Parece um disparate que se dê notícias daquilo que se recebe, quando em cima vem «do que nós necessitamos». Tem sido assim desde o princípio. Não vamos mudar. E de vez em quando, como agora fazemos, pedimos, sim, o que necessitamos. Nós já nos dirigimos à «Caritas», naquele tempo, sem

resultado. Hoje, que vemos na imprensa mais duas mil toneladas de migalhas dos americanos, tornamos. Pedimos que alguém interceda por nós. Seria para a casa de Setúbal por ser de todas a mais precisada. Nasceu ontem a bem dizer. Fica perto de Lisboa. O Padre Horácio vai buscar. Para as outras não pedimos. São mais remediadas. Talvez uma boa cunha faça o que nós não temos feito. Mais 100\$ de Sobrado, de Paiva. Outro tanto do Porto do «Artur e Mariazinha». «O meu marido ganhava 25\$50 por dia e agora ganha vinte e oito. Mando aqui 20\$». Isto é o Porto! Mais 77\$20 de Lisboa. Mais 500\$ de Sá da Bandeira. Mais 1000\$ de um «médico de Luanda». Este médico vem por cá muitas vezes e mais diz que só nos conhece pela leitura do «Famoso». Que faria se ele nos visse! Mais 20\$ de Braga. Mais 100\$ de Peniche. Mais 20\$ de algures. Mil escudos do Porto. Escarigo 20\$. Lisboa outro tanto. Encomendas postais de áquem e de além-mar. Algures 100\$. Tomar 50\$. No Espelho da Moda um mundo. Mais 250\$. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 500\$ de Moçambique. Mais 100\$ de Sá da Bandeira, da Octávia. Mais 200\$ de Lisboa.

O primeiro das oficinas de alfaiate, veio-me aqui dizer «colhe que dantes vinha muita coisa e agora não vem nada». Com isto o rapaz lembra fatos usados e toda a roupa que já não seja precisa nas casas e famílias onde é fácil renovar; pelo que fazemos nossas as palavras dele e vamos a ver o que

Cont. na pág. TRÊS



Casa do Gaiato dos Açores
Lá como cá.

A Voz do Atlântico!

O dia dois de Abril de 1956, foi mais uma data grande para a Obra da Rua nos Açores. A Casa do Gaiato Açoreano, ficou definitivamente instalada no novo prédio de Monte Alegre, estrada das Capelas, com casas apropriadas e terrenos suficientes para manter a actividade duma centena de braços dos nossos Rapazes.

O Pai Américo esteve a presidir e a abençoar. A Missa Campal Vespertina teve a assistência das Ex.mas Autoridades do Distrito e de alguns milhares de pessoas amigas. Foi na verdade um dia muito grande que dificilmente se nos varrerá da memória.

Temos presentemente quatro dormitórios com camas para quarenta e cinco rapazes. Sala de jantar bastante ampla, cozinha com o seu fogão grande, secções higiénicas e sanitárias suficientes, sala de aula, padaria e duas arrecadações pequeninas. O Pai Celeste do sacrário ficou num quarto pequenino que mal comporta todos os nossos à hora da missa e eu faço do escritório sala das recep-

ções e quarto de cama. Assim vivemos felizes, na esperança de construir dentro de pouco uma ermida pequenina, mais uma casa para mais trinta garotos, pavilhão para oficinas e uma vacaria. Daqui mando recado ao Senhor Ministro das Obras Públicas, ao Pai Américo e a todos os nossos amigos para que me ajudem a levantar com a devida urgência o que falta para receber e bem insta-

Continua na pág. DOIS



Casa do Gaiato dos Açores.



Casa do Gaiato de Beire

Setúbal

O domingo passado foi para nós um dia cheio de esperanças. Os vicentinos da cidade, em número de duzentos, quiseram passar este dia vicentino em nossa casa. O dia começou pela Santa Missa. A capela ficou cheia e as almas cheias também. A Santa Missa foi uma acção solene. A meditação foi sobre Jesus, Pastor dos Pobres e Vicentinos, enviado do Bom Pastor. Na altura da comunhão poucos ficaram nos seus lugares.

No fim todos tomaram do nosso café, preparado pelo «Bicudo» e comeram do nosso pão que o Júlio na véspera havia cozido. As senhoras vicentinas depois de tomarem o café levantaram-se e foram lavar e limpar a louça e arrumar as mesas. Tudo no seu lugar.

Depois de uma volta pelas camaratas e do habitual espanto com a ordem e limpeza das nossas camas, todos se reuniram no nosso salão de jogos para a Assembleia. O assunto foi o Património dos Pobres. A necessidade urgente de casas para Pobres dentro da cidade. Fez a palestra o nosso Padre Adriano. Meia hora de dor em união com os nossos Irmãos Pobres. Ou antes: meia hora de compaixão pelos nossos irmãos ricos.

O Património dos Pobres foi porta que Deus quis abrir para que os ricos possam entrar por ela para o Céu. E ai daqueles

Cont. na pág. TRÊS

COLISEU!

A nossa festa anual realiza-se no Coliseu do Porto
DIA 24 DE MAIO

Os bilhetes já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda,
Rua dos Clérigos 54; todos os dias nas bilheteiras do Coliseu

COLISEU!

Palestra no Emissor Regional dos Açores

A convite do Padre Elias e com licença do Prelado, viemos a Ponta Delgada inaugurar a Casa do Gaiato, sita na Quinta de Monte Alegre, nome muito bem dado, tal o horizonte maravilhoso que a nossos olhos se estende. Quem havia de dizer que uma dúzia de anos depois, seríamos hoje aqui a dar notícias de mais um nascimento, quem havia de dizer? Foi na verdade há doze anos, que em Miranda do Corvo, nos reunimos para um jantar amorosamente preparado, em uma residência com sua pequenina quinta. Era em Janeiro. Caía neve lá fora. Quem eram os hóspedes? Três farrapões da rua — os primeiros! Depois daquela data, tem sido uma nunca parar. Dir-se-ia que a hora fora de Deus. Tiro certo. Conquista de inocentes! Hoje são 500!

À casa de Miranda, seguiu-se Coimbra. Logo depois Paço de Sousa. O Porto não tardou. Tojal foi quase ao mesmo tempo. Lisboa, Setúbal, Beira e hoje Ponta Delgada. Passos de gigante! São assim as obras de DEUS!

O problema da delinquência infantil, há mais de um século, que chama pelos poderes das nações civilizadas. Todas procuram resolver, cada uma a seu modo e todas pelo melhor. É neste sentido que às vezes ouvimos falar do Senhor que vai ao estrangeiro inteirar-se do que por lá se passa, no intuito de fazer mais e melhor. Mas nós dizemos que não. No caso do Rapaz abandonado, não há nacional, nem estrangeiro, nem instituição, nem sistemas, nem nada. Há a família, tendo por modelo a Casa de Nazaré. Uma organização familiar. Para um que a tenha, mas esta vencida pela miséria, só uma organização familiar. Para o Rapaz considerado perdido e em vésperas de entrar nas prisões, ainda para este e precisamente para este, só uma organização familiar. Tudo o que assim não seja, é uma obra dispendiosa, absorvente e de pobres resultados.

O segredo das Casas do Gaiato, reside justamente nesta doutrina. Assim como na família os filhos são a permanente aflição dos pais, também assim nas casas do gaiato, os pais da rua que são pais, tomam cada gaiato por sua permanente aflição.

Outra nota de eficácia, deve-se ir buscar à nossa divisa: *Obra da rapazes, para rapazes, pelos rapazes.* As instituições oficiais do gênero ou oficializadas, achariam bem e muito possível, realizar o mesmo, mas não podem facilmente tentar por causa de seculares situações criadas. Em regra, são obras mais de assistência ao funcionário do que ao assistido. Não dão rendimento. São obras sociais.

Temos pois a Casa do Gaiato de Ponta Delgada. Por enquanto são apenas quarenta rapazes, mas vamos aumentar e ir até aos cem. Não podem ser menos. Não devem ser mais. Quantidade nem sempre é qualidade. O que podemos e devemos, é multiplicar o número de Casas do Gaiato, se não na Ilha de S. Miguel, noutras Ilhas onde se verifique a necessidade da sua presença. Tanto basta que os Bispos de Angra possam dispensar o jovem sacer-

dote que se tenha apaixonado e ao sair do Seminário venha tomar conta. De resto, não é preciso um grande número de sacerdotes. Nós somos essencialmente uma obra de rapazes, onde eles têm a palavra; o que se precisa é formar de entre os escolhidos o que der melhores provas e colocá-lo à frente. Os padres da rua têm apenas o toque espiritual. A administração não é deles.

Chegados a este ponto, queremos dizer que a última Entidade, aqui chamada, é a primeira na ordem da realização. Refiro-me a todos os membros da Junta Geral. Não fossem eles e a Casa do Gaiato não era.

Na minha qualidade de sacerdote, gostosamente declaro a sujeição e obediência dos padres da rua a todos, mas principalmente aos Bispos das Dioceses onde estamos. É por Eles e sempre em Sua representação que nós somos uma Obra da Igreja, alimentada pela seiva da Igreja. Sem Bispo, nada.

Mas não viemos a Ponta Delgada somente por causa da inauguração da Casa do Gaiato. Não viemos. É também nosso propósito falar da Obra do Património dos Pobres; ou, para melhor dizer, indicar aos Micaelenses uma obra que fala por si mesma. É tal o nosso desejo de falar desta urgência, que nos dispusemos a ficar mais alguns dias, para assim dar tempo a que os homens de boa vontade se juntem no Ginásio do Liceu pelas vinte horas da próxima quinta-feira.

O Património dos Pobres é uma obra da Igreja, adoptada pela Nação. A primeira pedra que há quatro anos caiu no primeiro cabouco, parecia pedra e era uma semente. Hoje, são à beira de setecentas famílias no uso de outras tantas residências espalhadas por Portugal fora. Setecentas famílias que ainda não acreditaram; foi assim a alegria dos apóstolos da Ressurreição. Viam o Mestre e não acreditavam! Se fosse possível colocar em linha recta e distanciar as moradias dez metros entre si, tínhamos quinze quilómetros de casas para os pobres, ocupadas por Pobres, no gozo dos Pobres. Uma grande linha de combate! Que promessa de vitória! O mundo não conhece nem usa estas armas, por isso mesmo perde todas as partidas!

A Obra do Património, além de oferecer, sem renda, uma casa a quem dela precisa; além de dar a párocos e a vicentinos ocasião de evangelizar os Pobres, é também e muito principalmente a tábuca de salvação dos chamados ricos do século. É por misericórdia que Deus salva os misericordiosos. As fortunas perdem todo o seu valor diante do Eterno. O objecto do Juízo Final é a caridade e nada mais. Quem não ama já morreu! Terras por onde temos andado em missão do Património, não é raro vir no dia seguinte o espanto dos párocos, declarar que de onde menos se esperava, saem ofertas de terrenos e de dinheiro. Eles chamam a isto um milagre. Mostram-se nervosos e perturbados, porquanto, são homens que se dizem ateus e nunca em sua vida entraram numa igreja. E isto é natural. Isto

é precisamente a feição da Obra. Deus escolhe os tempos e as pessoas e as circunstâncias; e quando quere e é preciso, até das pedras faz brotar pão!

Os párocos é que têm a voz. A obra é paroquial. É deles ou não é de ninguém. Nós não somos o buirro dos pescadores. Não somos a casa de renda barata. Não cabemos em nenhuma modalidade social. O Património é um BEM pequenino da paróquia, onde o pároco possa ser mestre, pastor, enfermeiro e fazer do seu Povo uma família de Deus. É necessário que o mundo católico, dividido em freguesias desde remotas datas, assim compreenda e assim se ajuste aos tempos. É preciso que cada paróquia se baste, tendo na comunidade os elementos essenciais para bem assistir e responder às necessidades razoáveis de cada membro. Um só batismo. Um só altar. Uma só fé. Um só DEUS e PAI de todos. Assim sim. Ora a habitação está na base de tudo. Casa que não oferece dignidade pode ser arribana, mas não Santuário da Família. Por assim não termos pensado nem agido há mais tempo, é que estamos trágicamente sujeitos a que o homem da Barraca cuide que viver assim é bem, e da mesma sorte pensem os que permitem uma tal vida. Eis dois «Bens» que se torna necessário eliminar quanto antes. Ao que tenho observado, aqui em Ponta Delgada, estes dois «Bens» são cúmulo do mal. Dizei-me: seria possível uma tamanha e permanente sangria, como esta dos homens que emigram; seria possível, pergunto, se cada um tivesse a esperança de uma casa? Pois que outra força maior nos prende à terra onde nascemos!

Ora nós não estamos aqui a pedir, tão somente espevitar, a luz e chamar os homens à razão. Se os que se dizem ateus oferecem às mãos cheias, e isto é um facto, que vão fazer os que se dizem católicos?

Espero os Micaelenses no Ginásio do Liceu. Temos aqui num Banco cento e oitenta contos, às ordens de vários párocos que estão erguendo casas. Isto é uma oferta do Ministro das Obras Públicas para trinta e seis moradias, à razão de cinco contos por cada uma. Claro que aquele dinheiro não dá. Os párocos devem procurar pelo menos outro tanto. Ora é precisamente isto que eu desejo oferecer à meditação de cada um que neste momento escuta. Aqueles cento e oitenta do Ministro, vamos juntar cento e

oitenta da População. Para isto nos demoramos. Por isto esperamos. Se não na maré da palestra de quinta-feira, no dia seguinte tencionamos ir de porta em porta. Assim fizemos no Funchal. O Ministro deu duzentos e os funchalenses deram outro tanto. Resultado? Casas a subir. Pobres em seus abrigos. O gozo dos que ajudaram. A palavra nos lábios de toda a gente. Assim se dá glória ao PAI CELESTE.

E Ponta Delgada? É o que estamos para ver!

Naquela noite descemos à cidade e no Ginásio do Liceu dirigimos a palavra aos presentes. No fim foi-se a ver e estavam lá catorze contos. No dia seguinte e porque não dispunhamos de mais tempo, corremos algumas firmas comerciais durante duas horas. Dois vicentinos quiseram ser da comitiva. Um deles, despachante oficial, era particularmente tido e havido por onde passávamos e até, dentro dos escritórios, ficava-se com a impressão de que o dono de tudo era ele! A cabeça da lista vem um nome com cinquenta contos! Estamos na cidade de Ponta Delgada. Não é preciso pôr mais na carta... Na data em que escrevemos esta, não temos ainda notícias de outras firmas, porém, se não tanto como aquela, devemos ficar todos convencidos e agradecidos, sabendo que, conforme seu estilo e posses, abriram-nos a porta de par em par.

Naqueles dias andava por lá o ar um nadinha azedo, em virtude de uma água forte do Padre Elias, que saía no Famoso. Trata-se de uma questão velha: bens mal repartidos. Ora a verdade é que muito mais do que Padre Elias, disse a multidão de emigrantes que justamente na maré se foram para o Canadá. Eu vi um barco a receber trezentos. Outros tinham ido de avião. Falava-se em novecentos deles. Ó sangria!

Mais ainda do que Padre Elias, outra vez, ouvimos nós da boca de um motorista, quando íamos até às Furnas num carro de praça. O homem pára. Sai. Estende os braços. Olha em redor e exclama: «Tudo quanto se vê é deles. Não vendem. Não arrendam. Não aforam. Não cultivam. Andam por lá». O homem não disse nomes. Apontou e isso basta. Ó elequência! Quanto aos mais sentidos, recomendamos ao Padre Elias que fosse pessoalmente a casa deles ou delas e tentasse conduzi-los àqueles sítios fétidos onde ambos gastamos largo tempo. Se aqueles lugares e situações e vidas e fedor não os convencer, nem que venha um Profeta! Isto dissemos nós ao nosso companheiro; é a resposta mais amorosa que se pode dar aos que acharam dura e excessiva a notícia do Gaiato. Finalmente, por remate, recomendei que é bom ir-se dizendo em letra maiúscula, quer no «Famoso» quer noutros jornais, que o direito à vida está primeiro. O da propriedade é depois.

A Voz do Atlântico

(Cont. da página UM)

lar os outros que desde há muito nos esperam. Eu ando com a cabeça à roda por ter faltado à minha palavra. Prometi e agora não posso cumprir. E não foi a uma pessoa qualquer que eu prometi. Foi sim a muitas dezenas de pequeninos abandonados. O rapaz quere justiça, a grande arma contra todos os perigos. Julguei no princípio que poderia abrir mais a mão e receber logo de entrada mais pequenitos. Tomei nota dos nomes e dos lugares. Eles ficaram à espera. Depois comecei a armar camas e vi-me com os dormitórios cheios. Tão cheios que tive de dar o meu quarto aos 4 mais velhos e ir dormir para o escritório. Ando com a cabeça à roda. A cada hora chegam cartas e telefonemas. Do outro lado do fio, vozes magoadas com lágrimas nos olhos. Digo que não pode ser e as vozes acusam-me. «Você tinha dito que

sim senhor». Quem não há-de ter pena e urgência e vontade? Quem não há-de gritar por socorro? São crianças a reclamar o seu lugar à mesa e a sua cama. São rapazes em risco de se perderem. Todos eles trazem no peito possibilidades infinitas de se emendar e de crescer. Quem não há-de?

Eu até já tenho medo de ouvir timir o telefone. De cada vez é um deles ou alguém por eles a acusar-me. Não tenho outro remédio senão remediar começando. Vou começar por fazer a casa deles e a planta já vem a caminho. É a da casa n.º dois de Paço de Sousa. Vou começar de olhos em DEUS, no Senhor Ministro das Obras Públicas, no Pai Américo em todos os outros amigos que sempre deram. Vou começar para que apareça dinheiro. Tenho fé n'Aquele que me chamou e aqui me conserva.

Lanço daqui o meu grito aos

Micaelenses espalhados pelo mundo. São todas micaelenses as crianças abandonadas à espera de vez. Eles têm direitos e para mais, um micaelense que sou, eu prometi-lhes. Espero na volta os alicerces e parte das paredes. Pedras temos nós e com muita abundância.

Alguém de cá comprometeu-se a organizar uma festa para arranjar o dinheiro mas eu disse que não. Não vamos para a festa. Não queremos festas mas sim lágrimas. Lágrimas de todos os magoados. Enquanto se organizasse a festa perderíamos tempo. Depois vinham os convites e destes os melindres, depois as despesas e por último as palmas e os foguetes e os pequenos sempre à espera. Melhor começar imediatamente e esperar pela festa no dia da inauguração com eles já vestidos de fresco, sentados à mesa comendo comida de gente.

Vamos lá. Se aplicares o ouvido a estas linhas, sentirás já o som das picaretas rasgando os caboucos. Pagarás mais eu a casa de noventa contos que vamos construir.

Padre Elias

Chales de Ordins

«Gostei imenso do chale, e, senhoras minhas amigas, vão escrever, e mandar vales do correio, pedindo encomendas. Que Deus abençoe todas as teceadeiras, e os seus dirigentes.» É Lisboa que escreve. Moga-douro vem com 100 por um de 90. Lisboa com 200 quer dois de 90. «Deus ajude a sua caridosa tarefa.» De Ribeira Brava, na Ilha da Madeira, com 220\$, um de 90 e dois de 60. Do Funchal com 130 um de 110. Da Figueira da Foz 120 para um grande. Com votos de que «tão boa iniciativa vá sempre em crescente progresso», Matosinhos envia 70\$ para um dos pequenos. Lisboa diz o mesmo com 100\$ para um dos médios. Barcelos, idem. Lisboa com 100 um dos médios, «pedindo a Deus que continui a ajudar essa boa obra.» Ainda Lisboa com 120\$ um dos grandes. Outra vez Lisboa com 100 para um dos médios. Das Minas da Panasqueira 100 para um de 90, com pedido de «uma Avé Maria pela intenção da pessoa para quem o chale se destina, que agora mesmo acaba de dizer que não merece a pena man-

dá-lo vir, porque não tem saúde para o romper.» Do Porto 210 para um grande e outro médio. Trata-se duma nova propagandista, conquistada com uma encomenda enviada a seu gosto. Ora leiam: «quanto ao chale, a minha opinião é em tudo semelhante às melhores que tenho lido no «Gaiato» — bom, bonito, barato. (BBB). Tenciono mostrá-lo e advogar a causa. Se Deus emprestar às minhas palavras o calor da convicção, por muito feliz me darei.» Ainda do Porto um de 90 e outro de 60. Paço de Sousa um grande e um médio. Macieira 5 «dos melhores» com 575\$. São para as raparigas da J. C. F. Porto 2 de 110. Mais Porto um de 90. Figueira de Castelo Rodrigo um dos grandes com 120\$. Monção com 130 dois dos pequenos. «Depois de se ver como são, é muito natural que peça mais.» Teremos, pela certa, mais uma propagandista. De Proença-a-Nova uma notária envia 70 para um dos pequenos. De Moledo (Lourinhã) uma Professora com 100 quer um de 90. «A vossa obra tem a bênção de Deus e pena tenho de residir tão longe, pois gostaria imenso de visitar a vossa casa de trabalho, para me elucidar. É que o nosso Rev. do Pároco anda empenhado em realizar uma idêntica na sua freguesia, onde eu sou professora.» De Lisboa 100 para um dos pequenos. Ainda de Lisboa 100 para um dos médios. Das Caldas da Rainha uma vicentina que, «em cumprimento dum voto» tinha encomendado dois chales para outras tantas velhinhas, faz-se agora propagandista, pois achou-os «bonitos». Com 158\$70 quer um pequeno e um médio. De Inhambane (Moçambique) pede-se um grande e um pequeno, sendo este enviado para Chaves. Tudo muito bem, menos o mandar à cobrança.

Do Liceu Nacional de Ponta Delgada um cartão a perguntar preços, cores, dimensões, etc., o que tudo aqui tem vindo a lume e, uma vez mais, se diz.

Preços: 110\$, 90\$ e 60\$. Pelo correio mais 5\$00.

Cores: branca, rosa, azul-bébé, «beige», castanha clara, castanha escura, cinzenta, laranja, azul marinha, e preta. Pedir sempre uma segunda cor no caso da primeira estar esgotada.

Dimensões: em diagonal os grandes — 1,98 m.; os médios — 1,84 m.; os pequenos — 1,54 m. Todavia, para variar e mais agradar, as senhoras teceadeiras resolveram fazê-los um pouco menores, com barra e grade. Quem não quiser assim dirá e terão as dimensões supra.

Vales: pagáveis em Paço de Sousa.

PADRE AIRES

Visado pela
Comissão de Censura

Setúbal

(Cont. da página UM)

que nem sequer por esta porta queiram entrar!...

E nós estamos na região das grandes herdades!... E os jornalistas trabalham todos os dias da semana e todo os domingos e ganham uns míseros escudos!... E os patrões dizem-se muito religiosos!...

Ficaram lançadas nesta Assembleia as primeiras pedras para muitas casas em Setúbal. Vamos começar e desde já esperamos que a Ex.ma Câmara não se atravesse à nossa frente.

À tarde todos regressaram a suas casas e pareceu-nos já por outros caminhos. Almas mais fortes. Vontades mais firmes. Amor mais ardente. Caridade mais justa. Todos regressaram com mais do que tinham trazido e nós ficamos melhor também: com mais esperança naqueles que ali nos conheceram e com mais fé nas suas obras.

Um senhor depôs na nossa mão uma nota de mil, com muita esperança no futuro da Casa do Gaiato. Fizeram duas colectas e entregaram-nos as bolsas. Logo à chegada duas latas de bolos e uma de café. Mais dois pacotes. Promessas de roupas usadas. E quanto a roupas usadas eu não queria dizer nada. Mas temos agora tanta necessidade!

Um grupo de senhoras prontificou-se a vir um dia por semana a nossa casa tratar da nossa roupa. Que não faltem. Ao fim da tarde apareceram visitantes com cinquenta e outros com duzentos.

Não podemos descrever o amor de esperança que nesse dia despontou a mais na nossa alma. Assim seja.

Padre Horácio

Uma assistente social de algures, interessada e já nos caboucos da primeira casa, informa que, «se no fim da obra ficar com cinco tostões, começa imediatamente a segunda». Ora ainda ninguém disse melhor. É assim mesmo. Que ele, ultimamente e para bem de todos nós, começa-se a compreender e a realizar da mesma sorte. Temos Gulpilhares, ao pé da cidade do Porto, que depois de haver entregado as primeiras duas, abriu caboucos para mais quatro. Estas entregues, procedem da mesma sorte para outras tantas as quais vão ser habitadas dentro de pouco tempo. E um dos da Comissão esteve ontem aqui a perguntar se poderiam abrir mais caboucos! E porque não? Porque não há-de chegar aquela freguesia à perfeição de fornecer uma casa a cada família?

Os vicentinos de uma terra muito pobre, com esforços mais que humanos, levaram ao fim duas casas muito sólidas e muito

PATRIMÓNIO DOS POBRES

bonitas, tendo guardado a sua entrega para o domingo do Bom Pastor em homenagem ao seu pároco. Mas isto é o que há de mais católico. Comoveu-nos quase às lágrimas a intenção dos vicentinos e o mérito de um tal pároco, porque senão o tivera não lhe fariam tal festa; e mais eu não sei em que diocese fica Medelim. Não conheço o pároco. Não sei quem são os vicentinos.

Aqui pertinho de nós, em terreno do Colégio de Ermezinde os alunos do dito juntaram-se e mandaram construir uma casa com a placa.

CASA PIO XII

Mais mundo católico. Fica à beira da estrada. Quem passar pode ler e meditar naquele «ensinai todas as gentes». A presença do Papa é uma lição.

Párcos e vicentinos de Rio Maior andam a arder em febre. Também eles querem seguir as pisadas de Gulpilhares; casa entregue, caboucos abertos. Pena é que sejam freguesias distanciadas. Havia de haver uma manada delas por Portugal abaixo, desde S. Gregório até Faro. Todas pegadas umas às outras e contagiadas pelo mesmo mal. Seria um hino. Ora leiam:

«No passado domingo, pelas 15 horas, com a presença do Sr. Presidente da Câmara e das entidades oficiais, procedeu-se à bênção da primeira pedra para a 5.^a e 6.^a casas do Bairro e entrega de duas casas a duas famílias que viviam em miseráveis barracas. Numa delas dormiam seis numa cama que ocupava um terço da superfície total da barraca. Por aqui podemos fazer uma ideia. A outra família vivia num verdadeiro antro, onde morreu o ano passado um bebé de meses com uma infecção que creio eu, ter sido provocada pelas condições da barraca.

A alegria dos beneficiados não se pode descrever. As outras, as primeiras duas ficaram muito boas, mas estas estão melhores, têm mais um quarto, têm um belo quintal murado, água e luz fornecida gratuitamente pela Câmara, e o recheio foi completo, uma delas que teve dois gémeos há quinze dias lá tinha dois berços iguais com toda a roupinha, até com esta frase na dobra do lençol: «Obrigado, Jesus.»

Como faz bem à alma da gente conhecer a verdade toda pelo punho dos vicentinos! Conhecer para amar. Amar libertando «seis de uma cama».

Quem se sentir tocado não escolha sítio nem data fantosa. Qualquer sítio, em qualquer hora.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Em primeiro lugar damos a palavra à assinante 15.595, com 20\$ «porque me alegro e consola ter a certeza que o nada enviado já está a ajudar». Atenção África! Eis Lourenço Marques com 60\$ de José Tomaz Coelho, que tem «muita pena de não poder dar mais mas está tudo muito difícil com a carestia da vida». Lúcia Santiago, de Lisboa, 10\$. Mais de Lisboa igual quantia do assinante 10.346, Dr. Francisco Corte Real. Barcarena segue com 15\$, dum assinante. Mais África, 50\$ da assinante 32.024 de Lourenço Marques «para um pobre a quem quer ajudar todos os meses». M. Martins, do Restelo, 200\$. Um assinante de Chaves com 20\$ e o nosso amigo Raúl Nunes, do Lobito, com metade. Mais de Chaves, do assinante 17.871, 50\$. De R.A.M. e J. B. C. 20\$ de cada e «pedem desculpa da modesta contribuição». De Raúl Bartolo duas cédulas de moeda es-

trangeira. 20\$ «em sufrágio dum sacerdote para a Conferência de Paço de Sousa, oferta do assinante 2.707». Lisboa que aparece com frequência nesta coluna vai outra vez com 60\$ do assinante 562: «são os meus três netos que concorrem cada um com 20\$ para os pobres vossos protegidos». Celeste Delgado, 50\$. Assinante 10.672, 30\$. E por hoje enceramos a porta. A todos, os nossos agradecimentos.

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

(Cont. da página UM)

os serviços dos C.T.T. ou C.P. nos trazem na volta. Mais 100\$ da Rodésia do Norte. Por onde a gente anda! Lisboa metade. Porto 50\$. «Uma serrana» 20\$. Chamusca 100\$. Londres meia libra. Valongo 50\$. Guarda 100\$. Penalva do Castelo outro tanto.

DOCTRINA

(Cont. da página UM)

dos por prontos no Estabelecimento de educação, onde uma vez foram internados. Isto é uma demissão. É uma declaração pública de incompetência consentida publicamente. Isto significa que a Direcção daquela casa se demite sempre que manda embora o rapaz em vez de o acompanhar. Se se trata do asilo particular, está em causa a Mesa. Se se trata de organismo oficial, está em causa o próprio Governo. Isto mesmo disse por palavras suas o Ministro da Justiça.

Sim. Temos sido até hoje tá-bua de salvação para muitos, por não existir o lar familiar anexo à casa de educação. Para não irmos mais longe, leia-se o que diz o António Marques no «Isto é a Casa do Gaiato» deste número. A carta é de África. Ele foi da Casa Pia. Procurou-nos. Foi nosso durante seis anos e «hoje é nosso». Ele mesmo se chama a «voz de um gaiato» e não a voz de um casapiano. Porquê? Ali não houve transfusão. Transfusão de sangue. Eis.

Não nos damos por arrependidos. Continuaremos como até aqui a nossa acção de salvadores na medida do possível. Temos os nossos Lares. Junto de cada casa de formação, existe na cidade próxima o respectivo Lar, para onde o rapaz transita e se afeiçoa à vida. Ali há quedas, sim, mas há remédio. O delinquento regressa à base e ali se cura. Se mesmo assim não deseja curar-se, é ele próprio que se demite. Nós nunca. Nós não nos demitimos.

A VENDA DO JORNAL

Na Beira Baixa

Amigos leitores, depois de muito tempo de espera sem vos dar notícias da venda da Beira Baixa eu venho-vos pedir desculpa da minha demora.

COVILHÃ... É desta rica cidade que eu o ano passado tantas vezes escrevi a apoiar e fui ouvido tanto mais que a Covilhã quase que ainda chegou a bater Coimbra na venda; mas depois Coimbra soube corresponder, e aguentou-se, e hoje que já não sou vendedor desta cidade. O Pião pediu-me para eu escrever alguma coisinha sobre a venda, que a Covilhã andava fraca e de facto é uma verdade; na Covilhã já se venderam 700; hoje só se vendem 300 como vêm anda muito fria e era bom que aquecesse e assim um dia Coimbra ainda fosse ter um adversário; mas para isso é preciso que os nossos leitores comprem e não só comprem como também façam comprar. A todos os Covilhanenses agradeço não só o que nos têm feito, como também o que nos continuarem a fazer.

CASTELO BRANCO... Queridos leitores, começo precisamente na mesma, pois se não tenho escrito da Covilhã, desta cidade também nada se tem dito e se calhar os nossos leitores já andam zangados comigo, mas não é caso para isso, porque tenho andado à espera para sair da venda, mas isso não tem acontecido, porque na altura não há nenhum vendedor para ir fazer essa venda; ainda tentei levar o *Manequim* mas ele não se adaptou por ser muito pequenino e estar longe de Casa.

Nesta cidade a venda anda na mesma como na Covilhã; já se venderam 600 em Castelo Branco e hoje 290 é muito pouco, mas nós já nos vamos contentando, pois o tempo também não é suficiente para mais.

De todos os nossos amigos da Beira, o meu mais amigo é o Senhor Dr. Alberto Trindade, mas não deixo de salientar o resto de todos os nossos benfeitores que tanto nos têm ajudado. Agradeço em nome de todos os gaiatos.

JOSÉ DIONÍSIO FIGUEIREDO

ISTO É A CASA DO GAIATO

Acabaram de sair agora mesmo daqui o Joaquim Bonifácio e o Manuel dos Santos, que são os dois auxiliares do Avelino. Baptisa-se hoje o filho deste. O primeiro. O Avelino. Os dois colegas, por mais próximos, pretendem ir à igreja e eu disse logo que sim. «Vamos vestir os nossos fatos», disseram. Eles andavam vestidos mas queriam ir melhor. O melhor. Tudo isto vale pela espontaneidade. Pelo alto conceito que os dois amigos fazem da festa: «Vamos vestir os nossos fatos». Pela coesão que cada vez se sente mais aqui na aldeia, em virtude da presença cotidiana e doméstica destas cenas familiares.

O postal é de «La Côte d'Azur» e diz assim:

«Encontro-me em França em companhia de meu patrão, pois ele vai assistir ao casamento do príncipe de Mônaco. Ontem estive em Paris mas por poucas horas. Para a semana sigo para a Itália e mais tarde para a Suíça. Vou-lhe escrever novamente e dar-lhe pormenores da minha viagem. Um saudoso abraço do filho Amândio».

Não se trata de um aventureiro. É o Amândio que serviu aqui na casa de Paço de Sousa, mais tarde serviu em um armazém de fazendas da Rua Cândido dos Reis, e hoje serve na Inglaterra.

Uma vez que estamos em maré de cartas, aqui vai mais uma do Armando Marques, hoje na Ilha Terceira ao serviço da Socony:

«Querido Pai Américo:

Acuso recebida a carta expedida de S. Miguel. Capelas e não sei o que lhe hei-de dizer.

Quando li a carta e vi que não se tinham esquecido fiquei eu nem sei como, não sei explicar. Li a carta aos meus patrões e eles também não me disseram nada, não sabiam o que dizer; transmiti também aos meus companheiros e isso é que eram perguntas: «É uma riqueza». «Eles também fazem assim aos pobres?» Eu só dizia: Deus ouviu-me, todas as noites ao deitar eu lhe pedia que não se esquecesse de mim, que me ajudasse. Sinto também felicidade que não sou capaz de dizer nada. Não sei como pagar; dá-me vontade de chorar. Sinto um nó na garganta que me não deixa falar.

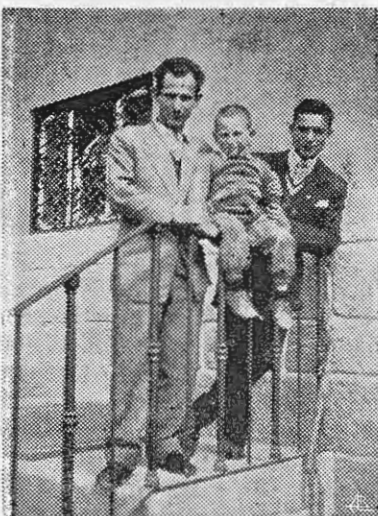
Isto por certo que é felicidade. Sim Pai Américo, sinto-me imensamente feliz.

Deus lhe pague, Pai Américo. Um abraço cheio de saudades do seu filho muito e muito amigo. Saudades de minha mulher.

Armando»

Ela é uma resposta a uma que de Ponta Delgada lhe escrevemos, comunicando o desejo de oferecer uma casinha, desde que ele conseguisse o terreno necessário. Pelo que se vê

temos nela a comunhão dos patrões e dos colegas e na alma do rapaz, um grande delírio. Também ele foi aqui tudo antes de servir a tropa. Tudo. Até um dente ele sacou uma



Mais vistas de Beire

vez a um rapaz que estava com dor deles. Ainda hoje não sei de quem foi a maior coragem; se do «dentista» se do paciente!

Agora não é carta, mas um extracto. O António Teles, da Sena Sugar, do Luabo, acaba de me informar: «fui hoje ao escritório fazer a primeira remessa da primeira pedra da nossa casa». Aquele «nossa», refere-se a uma casa do «Património» que os antigos «gaiatos», hoje dispersos por esse mundo-além, desejam oferecer, e ele, Teles, é o primeiro.

Já recebemos o cheque; mil escudos. Não vai levar muito que não se veja em qualquer margem de qualquer estrada a placa — «Casa dos Gaiatos». Eles que falem.

Tem graça que de todas quantas existem à beira desta casa de Paço de Sousa, não lhes chama o povo casas do Património nem nada que com isso se pareça. Dizem — «são as casas dos gaiatos. Eu moro nas casas dos gaiatos». É um marco geodésico que fica. Se houve tempo em que este nome cheirava mal, agora não. Agora sabe bem.

António Martins fez anos e pediu para ir ver sua mãe. Foi. No regresso veio-me procurar. Vinha mui impressionado e triste. «A minha mãe mora numa barraca». Ela sempre lá morou. Quando o António veio para a nossa companhia em pequenino, vinha daquela mesma barraca e achava bem. Nunca foi para ele motivo de tristeza. Mas o rapaz mudou de vida. Lava os dentes. Tem o seu fato de domingo. É um grande trabalhador. Também dentro dele se tem dado misteriosas transformações. É totalmente outro por isso lhe pareceu mal a choupana. Poderia ter ficado com esta desagradável impressão, mas não. Foi mais longe. Abeira-se de mim, fita-me com os olhos e muita confiança e diz: «o senhor podia tomar uma atitude». Para bom entendedor basta meia palavra.

Aqui temos um documento. A miséria contra a natureza. Já que estamos em maré de

cartas, dou aqui algumas linhas da que nos acaba de chegar e começa assim: «A voz de um gaiato na Costa Oriental Portuguesa». É de Manica. É o António Marques. Linda voz. Óptimas notícias. Ora leiam: «Já tenho casa com 3 quartos, uma sala de visitas, uma casa de banho, uma sala de jantar, uma despensa, cozinha e copa. A minha mulher está radiante». Pois se não há-de estar! Ela e todos. Tanto assim que, segundo informa o rapaz, um senhor de lá, correspondente do «Jornal de Notícias», fez-lhe muitas perguntas e vai relatar. Isto é alegria nacional. Mais. O mesmo feliz gaiato escreve — «não há ninguém que se não lembre de si quando por aqui passou e todos perguntam quando é que volta.» Outra vez alegria nacional.

Mais uma e acabou. Se fôssemos a dar a lume todas as cartas de gaiatos, o espaço do jornal não dava para elas.

«Pai Américo:

Soube pelo Senhor Padre Carlos, que vai ficar sózinho em Paço de Sousa.

Se até aqui se cansava, que irá acontecer agora?! Numa altura em que mais precisava de repouso, toma sobre suas costas uma cruz demasiado pesada. Que grande sacrifício que só Deus saberá premiar!

Tenho pedido a Deus nas minhas orações que dê para a Obra da Rua mais padres para que o Pai Américo possa repousar do esforço dispendido durante 27 anos ao serviço de Deus, dos abandonados e dos Pobres.

Cabe agora aos nossos chefes unirem-se cada vez mais, para que, todos juntos, auxiliem o Pai Américo. Deles também não me tenho esquecido nas minhas orações. Domingo próximo a missa será por intenção do Pai Américo e dos nossos chefes.»

É o Cândido da Glória, que foi dos Guindais. Escreve de Leiria, onde é soldado. Ele há feridas da alma que parece terem sido abertas de propósito para um remédio determinado. Estas são as minhas e estas são os meus.

Não houvesse ferida e tudo quanto o Cândido diz era o simples conteúdo duma carta. Assim é um remédio.

O Cândido é um rapaz piedoso. Tem namorada. Quanto se não espera do seu futuro lar! Tenho cá as minhas dúvidas se a Tropa o merece!

Vamos agora arejar um bocadinho o «Isto é» do presente número, que me parece sério de mais. Por namorada, Zé Eduardo e Carlos Inácio e Gonçalves, ocupados com seus amores, ontem, juntos e na mesa onde comemos, deram-me uma informação tendo sido o Zé Eduardo o informador. Segundo ele e os colegas anuíram, há graus. Primeiramente é conversada, depois namorada, a seguir noiva e no fim esposa. Continuando chegamos à conclusão de que Zé Eduardo

já vai na noiva, Carlos Inácio na uamorada e o Gonçalves na conversada. Vamos a ver.

Um dos nossos fez ontem anos. Dezanove. Era noitinha quando ele me veio comunicar de como o Padre Carlos o tinha distinguido à mesa e da festa que todos o colegas lhe fizeram. Eu não quis ficar atrás. «Escolhe». Foi umas calças novas, com medidas pelo Abel, escolhidas por ele e feitas pelos colegas. O festejado também não quis ficar atrás. Acompanha-me ao andar superior da Casa-Mãe e antes de se despedir puxa da carteira de cigarros — «Fume. São meus». E fumamos.

Calvário

A chamada residência hospitalar já tem muitos metros de parede feita. A primeira casa do aldeamento, essa encontra-se nos acabamentos. Uma senhora do Porto, que perdeu alguns dos seus mais próximos com doenças incuráveis, ofereceu-nos um cheque de vinte e quatro contos e deseja que por aquela intenção venha a ser construída uma casa no recinto da aldeia, para abrigo de doentes da mesma natureza. Sim senhor. Terminada a primeira, vamos dar começo à segunda que é esta.

Não foi sem lágrimas nos olhos que esta Desconhecida nos fez entrega do dinheiro. Devemos acreditar que casos semelhantes se hão-de repetir pelo tempo fora. Que seja para este. Que seja para outros. Qualquer terra. Qualquer nome. O que importa sobremaneira é dar um leito para morrer aos que em vida jamais o tiveram. Sim. Não foi sem lágrimas que aquela senhora numa rua do Porto, me fez entrega do cheque.

Nós precisamos de chorar. O mundo tem necessidade de chorar. É dentro de nós que se encontra a razão e a necessidade destas lágrimas. O Evangelho diz bem delas. Até chama feliz aos que choram. Ora tornam-se necessárias também obras que as produzam. O «Calvário» tem aqui o seu inteiro sentido!

Mais 50\$00 de Lisboa. Mais 300\$00 de Lourenço Marques. Mais 100\$00 da mesma terra: «a minha vida é particularmente difícil; terrivelmente difícil e só Deus me poderá dar coragem». Um Calvário! Mais 50\$ de Bombarral. Algures 50\$00: «de uma oferta de dinheiro que tive pelo Natal». O dobro da Beira. Outro tanto da Rodésia do Norte.

Já não digo a Beira; ali é terra nossa. Mas Rodésia! Que força misteriosa a deste «Calvário»!

COLISEU

DIA 24 DE MAIO

COLISEU

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Os senhores não arrefeçam. Uma campanha como esta exige calor, entusiasmo e sobretudo boa disposição, condição indispensável para encarar o sacrifício. Nós tomamos por um sacrifício a tarefa gloriosa de entusiasmar e «cravar» aqueles que não fazem, ainda, parte da nossa Família, da numerosa Família de assinantes e leitores de «O Gaiato».

Ele é bem certo que muitos indicaram em longas listas, nomes de amigos como «prováveis» assinantes. Está bem. Todos acreditam num Amigo, quando ele verdadeiramente é. Porém, neste caso, enviar o Jornal significa uma aventura. Não houve preparação. Ora nós pedimos encarecidamente que, se o leitor tencionar colaborar connosco na Cruzada dos 50.000, antes de enviar nomes prepare; prepare o seu Amigo. Receba da sua boca o «Sim, pode dar ordem para me enviarem o Jornal». E quantos; quantos dirão: «recebê-lo-ei com muito prazer. E tome já a quantia de X escudos para estar sempre em dia com as minhas contas»!

Se na dura missão de angariar novos assinantes o Amigo leitor sofrer muitas negativas, não se assuste. A Justiça de Deus é infalível e recompensá-lo-á pelo seu amor à causa de «O Gaiato».

E damos por findo o nosso recado. Esperamos nos próximos dias a vossa resposta. E não arrefeçam. Olhem que «O Gaiato» não pode atingir os 50.000 sem o concurso de todos; todos os leitores irmanados na mesma Fé e dispostos a ouvir «Sim» e «Não». Até à volta e boa sorte na colheita.

J. M.